

ÍNDICE

I PARTE

INTRODUÇÃO

1. Narradores da Memória: guardiões do tempo	15
2. O habitat das “histórias” ou o culto da lareira e do lume	17
3. O sobrenatural lendário	19
3.1 – Almas penadas: inquietações e metamorfoses	19
3.2 – Bruxos e bruxarias	25
3.3 – Mouros, tesouros e serpentes	31
3.3.1 – As mouras encantadas e os seus tesouros	31
3.3.2 – O mito da serpente	33
4. Literatura Oral Tradicional: a arte verbal de um povo	36
4.1 – Os géneros de literatura oral tradicional	37
4.2 – O conto popular de tradição oral	39
4.2.1 – O que é um conto popular?	39
4.2.2 – As mensagens culturais dos contos	40
4.2.3 – Como classificar e catalogar os contos populares?	42
4.3 – A Lenda: dos conceitos à função social	46
4.3.1 – O que é uma lenda e qual o seu papel?	46
4.3.2 – A Lenda e as proximidades com a História	48
4.3.3 – A fuga misteriosa das imagens sagradas	49
4.3.4 – Uma proposta para a classificação das lendas	53
5. Conclusão	56

II PARTE

CORPUS NARRATIVO

Concelho de VILA REAL – Lendas

1 – O lobisomem da Campeã.....	65
2 – Um homem tomado pelo lobisomem	66
3 – O pintainho estourou-lhe na mão	66
4 – Um cão misterioso na encruzilhada	67
5 – Uma misteriosa mulher à porta do cemitério.....	67
6 – Uma estranha promessa à Senhora de Lassalete.....	68
7 – A moura da Ponte da Aradeira.....	69
8 – A moirinha da Fonte do Brandufe.....	70
9 – Os milagres de São Bartolomeu	70
10 – O mistério de uma estátua vestida de branco.....	72
11 – O João Pimpão e as bruxas	73
12 – As almas dos ladrões de colmeias	73
13 – Lenda do cruzeiro do Senhor dos Afiltos	77
14 – O cruzeiro de um padre injustiçado	75
15 – A promessa de Frei Manuel Cenáculo (<i>variante da anterior</i>)....	76
16 – Lenda do Cruzeiro da Senhora da Agonia	77
17 – O moleiro e as bruxas	78
18 – Lenda do Poço do Sino.....	79
19 – [Os mistérios do Castro de Abaças].....	79
20 – Matar só Deus e os de Abaças.....	80
21 – Lenda do Senhor dos Afiltos de Andrães.....	81
22 – Uma pipa com leitões e uma reca com pintainhos (<i>variante da anterior</i>)	82
23 – A lenda do gigante do Marão.....	83
24 – A Senhora do Marão e o falso profeta	86
25- Lenda das Sete Senhoras Irmãs.....	87
26 – A lenda da Cabeça Santa de Constantim	88
27 – O mistério do dente de S. Frutuoso.....	89
28 – O toque dos sinos impediu o roubo da relíquia	90
29 – S. Frutuoso domesticador de pássaros.....	91
30 – A lenda da água milagrosa de S. Frutuoso.....	93
31 – Como S. Frutuoso curou um mendigo atacado de raiva	94
32- O morto-vivo, devoto de S. Frutuoso.....	94
33 – A moura encantada de Panóias	95
34 – A moura que guarda um tesouro em Panóias.....	97
35 – O mistério do Poço de Panóias	97
36 – As almas penadas em Panóias.....	98

37 — Lenda da moura branquinha	99
38 — A moura, o pássaro e a cobra	100
39 — Lenda do Vale das Ferraduras na Serra de Ludares	101
40 — O padre e os figos encantados.....	102
41 — Lenda do Vale da “Bela Luz” em Ludares	103
42 — Lenda do Penedo do “Diabo Tarrenego”.....	103
43 — A lenda do Penedo das Maçarocas.....	104
44 — A lenda dos mordomos da festa	104
45 — Entre Arnal e Arnadelo está o tesouro de D. Pedro	105
46 — Os mouros com grandes salas nos subterrâneos	106
47 — A gruta com feitio de Mesquita.....	106
48 — Lenda da cidade extinta de Arverim	107
49 — A lenda da Princesa Ximena.....	108
50 — Lenda da Cidade da Cobra	109
51 — A moura e o carvoeiro.....	110
52 — A lenda da reca com sete pitos	111
53 — A lenda do moinho dos Lenteiros.....	112
54 — O mistério de uma grade de ferro.....	112
55 — As memórias de uma cruz no alto da serra	114
56 — Lenda da Benedita Grossa de Borbela	115
57 — A lenda da moura do Penedo Negro.....	115
58 — A lenda da origem da Torre de Quintela	117
59 — O povo de Quintela e o “Tributo de Servidão”	119
60 — O segredo de uma pomba branca	119
61 — Uma alma penada na Serra do Alvão	120
62 — Lenda da Santa Custódia afogada	121
63 — Lenda do nome Folhadela	121
64 — O lobisomem com um homem às costas.....	122
65 — O mistério da camisa de linho	123
66 — O costume de retalhar a roupa aos defuntos.....	124
67 — A história de um capelão que nunca chegou a sê-lo	124
68 — A lenda dos “trauliteiros” de Gravelos.....	125
69 — Tu Pedro e eu Pedro... muito vai de Pedro a Pedro.....	126
70 — O “Patas de Cabra” da Samardã	128
71 — Lenda do “Côto do Facho” de Vilarinho da Samardã.....	128
72 — Os cornos santos de Guiães.....	129
73 — O pote da fortuna de Guiães.....	130
74 — [O vintém na pia de água benta]	130
75 — [O cão morreu sobre a sepultura do dono].....	131
76 — As argolas do assassino em Guiães.....	132
77 — O encanto da serpente em Guiães.....	133
78 — Ah mulher, que me quebraste o encanto!.....	133

79 — Um bruxedo com os baraços das ceroulas.....	134
80 — Porque se chamam “socos” aos habitantes de Justes.....	135
81 — [O tesouro a troco de um beijo a um sapo].....	136
82 — Lenda do lobisomem de Justes.....	136
83 — Lisboa é linda, mas Gache disse!	137
84 — O roubo da imagem de Santa Sofia de Gache	138
85 — Lenda de Nossa Senhora de Amarante.....	138
86 — Lenda do Cruzeiro de Sanguinhedo.....	139
87 — A lenda da Senhora da Pena.....	141
88 — A lenda de S. Tomé do Castelo	142
89 — [As talhas do mouro].....	144
90 — A diálogo dos sinos	145
91 — Lenda de Santa Bárbara em Leirós	145
92 — A fuga da imagem de Santa Bárbara	146
93 — Lenda do Padre Fernão Brito em Mouçós.....	148
94 — Lenda da Capela da Senhora de Guadalupe.....	149
95 — [O cristão, o mouro e a Senhora de Guadalupe]	151
96 — O milagre de Nossa Senhora de Guadalupe	153
97 — A lenda da capela de Nossa Senhora do Cabeço	155
98 — Um caixão com peças de ouro em Agarez	156
99 — Lenda de Agarez	157
100 — A paixão misteriosa	158
101 — Lenda de Santo Isidro, padroeiro dos lavradores.....	160
102 — Como o Santo Isidoro “mudou” para Santo Isidro	161
103 — Lenda das alminhas da “Traulitada”	162
104 — Lenda de Nossa Senhora dos Prazeres no Brasil	163
105 — A moura aprisionada na fonte da Rabela	165
106 — A fuga do Senhor dos Afilhos de Lordelo.....	166
107 — O refúgio dos marqueses de Távora.....	168
108 — Os “Cães da Bila”	168
109 — Lenda do Monte da Forca	169
110 — Lenda do Arcabuzado	170
111 — Um soldado inocente que virou Santo <i>(variante da narrativa anterior)</i>	172
112 — A lenda do Aleu no brasão de Vila Real	173
113 — Lenda da espada invertida no brasão de Vila Real.....	175
114 — Na Fonte Nova, onde aparecia o inimigo.....	176
115 — O pão de Santo António.....	177
116 — O Diabo entre as freiras de Santa Clara	177
117 — Lenda das “Bexigas de São Lázaro”	179
118 — A Lenda das Ganchas de S. Brás	180
119 — Lenda das Cristas de Galo de Vila Real.....	181

120 — Lenda dos Pitos de Santa Luzia.....	181
121 — Lenda da imagem de Santa Luzia	182
122 — O roubo da imagem de Santa Luzia (variante da lenda anterior)	183
123 — Lenda das pegadas da Sagrada Família.....	184
124 — Eu te benzo, Barbazu.....	185
125 — Um lobisomem, metade cavalo e metade homem.....	185
126 — A lenda do Senhor dos Desamparados	186
127 — Quando Cristo despregou um braço na cruz.....	187
128 — A lenda dos milagres na capela do Espírito Santo.....	189
129 — O Senhor da Boa Viagem	192
130 — Santo António Esquecido.....	193
131 — O cocheiro e as bruxas	194
132 -A procissão de almas penadas em Ferreiros	195
133 — [Ele tinha um pacto com o Diabo]	195

Concelho de VILA REAL — Contos Populares

Contos de Animais

134 — A velha que enganou o lobo numa cabaça.....	199
135 — O gato e o carneiro que iam confessar-se a Roma.....	200
136 — A batalha do rei-grilo com o rei-leão	202
137 — O meio-pito e o milho do rei	203
138 — Os afilhados da raposa	204
139 — O lavrador, o burro e o tamoeiro.....	206
140 — De pele alheia grande correia	207
141 — A cotovia e a raposa matreira.....	208
142 — A raposa, o gallo e os cães	210
143 — A raposa, o lobo e o queijo.....	211
144 — A lebre e a tartaruga	212
145 — O sapo com frio.....	214
146 — O burro do tio Vilela e os seus amigos	216
147 — O padre a serpente	218

Contos Propriamente Ditos

148 — Nosso Senhor e os dois carroceiros	221
149 — Nosso Senhor, S. Pedro e o homem justo.....	222
150 — Dar esmola a Deus e ao Diabo	222
151 — O moleiro que recusou ir para o Céu	223
152 — Branca-Flor, o Diabo e a fada-madrinha	223
153 — O sapateiro e a aranha	225

154 – Catarina e o toirinho azul.....	226
155 – A cobiça da estalajadeira.....	229
156 – «Não sabia que o papel tinha olhos!».....	230
157 – [A velha e a promessa de casamento]	231
158 – João Grilo (ou Doutor Grilo).....	232
159 – O bruxo e o galo negro	234
160 – Podes ir tirar o cavalinho da chuva!	236
161 – A cabeça às avessas	236
162 – As três filhas do rei	237
163 – Os homens a mando das mulheres.....	238
164 – O cego, o rapaz e a chouriça	239
165 – A mãe do bispo.....	240
166 – Um padre cheio de prosápia.....	241
167 – O padre em luta com o cavalo	242
168 – O pregador da Campeã	243
169 – «Durmo com uma mulher de quinze...»	244
170 – Ó malvado, ó malvado!	245
171 – Ó que enterro tão triste!	246
172 – Abre-me a porta, morena!	247
173 – O seminarista que enganou o santo	248
174 – As migas de bacalhau.....	249
175 – As sete maquias do moleiro	250
176 – O homem com o santo às costas	251
177 – O Ferreiro da Maldição.....	252
178 – O Diabo e o ferreiro	253

Contos Focosos e Divertidos

179 – O padre que mandou roubar um carneiro	255
180 – O padre e as perdizes.....	256
181 – O padre João e as perdizes de Arnal	257
182 – O padre português e o padre galego.....	257
183 – O lavrador, os dois criados e o burro	258
184 – Um peido p'ró bruxo.....	258
185 – Um homem de certa idade que casou com uma rapariga nova	259
186 – Venha, senhor padre!	259
187 – As freiras todas grávidas.....	260
188 – S. Pedro quis levar um trauliteiro para o Céu.....	260
189 – Os burros do “socialismo”	261
190 – Fiança de um ano, cagança de um mês	263
191 – A mulher preguiçosa e as maçarocas	264

192 — O Padre Augusto e o juiz	265
193 — Ao menos um dedo!.....	266
194 — Em Sanguinhedo, leva merenda e passa cedo.....	267
195 — As alminhas e os demonhinhos.....	268
196 — Os dois homens a arrastar um penedo	268
197 — Medicamento para crescer	269
198 — Quando São Pedro veio do Céu a Vila Real	270
199 — S. Bento arrastado pelo chibo	271
200 — [A porca que mordia os leitões]	272
201 — O padre e o feno prá égua	273
202 — Ah ladrão que me enganastes!	273
203 — As três raparigas “tatas”	274

Contos de Fórmula

204 — O conto da velha que tinha uma vinha.....	275
205 — A velha e a bilha do leite.....	276
206 — A formiga presa na neve	277
207 — A raposa asseadinha.....	278
208 — O camponês e o rei	280
209 — O menino e o pobrezinho	280

Casos /Histórias de Vida

(Memórias que viraram histórias)

210 — O “Bicho-Cabra” de Andrães	283
211 — [Com a verdade se engana].....	284
212 — [As damas de pau do Padre Sarmento]	285
213 — [A carne é fraca, Maria!]	286
214 — O Olhero e o Manuel Sapateiro.....	287
215 — O julgamento de Manuel Camposana.....	288
216 — O Camposana e a grafonola	289
217 — Duas bofetadas num morto	290
218 — A história de um defumadouro	290
219 — Uma história de bruxaria.....	291
220 — «A pessoa que morre entra no meu corpo»	293
221 — Eram três almas penadas.....	294
222 — O terrível Maneta de Anta	295
223 — Resposta pronta da senhora Ludovina.....	296
224 — O aluno que não tirava o chapéu na sala de aula.....	297
225 — A severidade do Dr. Bessa Monteiro	298
226 — Os bailes da gravata e os “Fech’ à Roda”	299

227 — Os Bailes da Carolina.....	300
228 — Ir ver as horas ao Calvário.....	300
229 — O zelador da capela de Santo António.....	301
230 — As lágrimas de S. Jorge	302
231 — O bruxo que ia fazer rezas a Braga	303
232 — A tal dia, às tantas horas, faz a passagem	303
233 — A carta de França a apelar a um bruxo	304
234 — A mulher que falou com almas do outro mundo.....	305
235 — A visita do bispo a Lamas D'Olo.....	307
236 — Viva o Dom António, porra!.....	307
Bibliografia.....	309



I. NARRADORES DA MEMÓRIA: GUARDIÕES DO TEMPO

Atento aos impactos da globalização no pensamento e vivência das sociedades modernas, nos seus efeitos paradoxalmente homogeneizadores e desintegradores das identidades, abracei o projecto “Tesouros da Memória”, com incidência na região transmontana, no âmbito dos compromissos científicos enquanto investigador integrado do Centro de Estudos em Letras da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD).

A preocupação maior é identificar e apresentar um vasto elenco de “narradores da memória”, tomando como valiosos os seus testemunhos na transmissão às novas gerações da memória cultural da sua comunidade. Os narradores da memória são guardiões do passado, enquanto tesouros vivos da memória colectiva, com um papel determinante para que o fio da memória não seja quebrado. Para que a identidade de um povo tenha sentido. E perdure.

Na linha dos grandes teóricos (Benjamin, Le Goff, Proust...), reconhece-se que há uma ferida que as sociedades contemporâneas teimam em ignorar. O exercício dialógico intergeracional vai fraquejando década após década. A tradição e a memória diluem-se, com as novas gerações a encararem como anacrónica a mentalidade das gerações anteriores, o que resulta numa crise de valores a dar



lugar a uma crise de identidade. E numa sociedade sem o aconchego da identidade e da memória, sem um quadro de referências sólidas e respeitáveis, as futuras gerações arriscam-se a viver desamparadas numa sociedade global. Como escreveu um dia o Padre Fontes, “os povos são como as árvores; cortando-lhes as raízes, secam” (1985).

Para este desenraizamento muito tem contribuído a desvalorização, nas nossas escolas, da disciplina de História, que vemos decair para uma expressão minúscula, com consequências negativas na formação das novas gerações. Há valores, identidades, memórias, bem como o desenvolvimento do espírito crítico dos adultos de amanhã, que se perdem. A resposta ao que o hoje é estará sempre no que o ontem foi e como foi, porque nada começa agora, e o agora é a continuação do ontem, e o ontem é já um esboço do amanhã. Por isso, é fatal desmemoriar uma Nação. Para melhor dominar um povo, basta “sugar-lhe” a memória, e, desse modo, eliminar-lhe a identidade.

É no reconhecimento desta conexão de memória e identidade que se inscreve a preocupação de resgatar e estudar os “tesouros da memória” dos territórios. Uma preocupação que é também uma resposta aos desafios da UNESCO lançados a todos os países do mundo e consignados nas várias Convenções sobre protecção e salvaguarda do património, com realce para a necessidade de resgatar a tempo o potencial dos “Tesoros Vivos” portadores naturais desse património. Isto, numa altura em que os avanços da modernidade e das tecnologias eliminam os contextos e os rituais a que grande parte do património imaterial está associado.¹

Este projecto, “Tesoros da Memória”, procura ir ao encontro de tais desafios, na certeza de que é cada vez mais urgente a realização de acções de resgate da memória oral nos espaços físicos e espirituais, em especial dos povos rurais, onde o desaparecimento acelerado da população idosa vem comprometendo a possibilidade

¹ «O olhar da UNESCO sobre o Património Cultural Imaterial (PCI), desde o início do milénio, tem-se revelado uma fonte de energia inspiradora, quer para as nações, quer para muitas comunidades, no esforço de salvaguarda dos seus bens intangíveis que têm a memória oral como veículo de transmissão de cultura ao longo das gerações.» (Assunção, 2023: p. 9).





I — O LOBISOMEM DA CAMPEÃ

Noutros tempos, em que as famílias tinham muitos filhos, havia certos cuidados quando nasciam sete rapazes seguidos, ou sete raparigas seguidas. Se fossem sete rapazes, ao sétimo filho tinham de o baptizar com o nome de Adão, e se fossem raparigas, à sétima filha baptizavam-na com o nome de Eva. Se o não fizessem, podiam tornar-se lobisomens, sendo rapazes, ou bruxas, sendo raparigas.

Ora acontece que, na Campeã, houve uma família em que, ao sétimo filho, em vez de Adão, baptizaram-no com outro nome. E, por isso, quando se fez homem, à meia-noite, transformava-se em cavalo e saía a correr fado. Tinha de correr sete freguesias. Ningém o via passar, só se ouvia uma grande barulheira e os cães todos a ladrar atrás dele.

Até que alguém, sabendo o que se passava com ele, disse à família como podiam quebrar-lhe o fado. Procuraram todas as roupas, acenderam o forno, puseram-no em brasa e queimaram-lhe a roupinha toda.

Conta-se que o homem apareceu depois à porta todo nu. A partir de então ficou uma pessoa normal e nunca mais se ouviu aquele estardalhaço nocturno.

NARRADORA: Ana Maria Gonçalves Súcio, 79 anos,
Aveção do Meio – Campeã, 2024.





25—LENDAS SETE SENHORAS IRMÃS

«No alto do Marão, que visitei pela Páscoa de 1899, junto ao marco geodésico está a capela da Senhora da Serra, que segundo lá me contou um pastor, é irmã de outras seis Senhoras, que todas dali se avistam no píncaro dos montes altíssimos e alguns muito distantes: Senhora dos Remédios (Lamego), Senhora da Saúde (Vilar de Maçada), Senhora do Viso (Santa Marta de Penaguião), Senhora da Graça (Mondim de Basto), Senhora da Aparecida (Lousada) e Senhora da Moreira (não sei onde é).»⁵⁸

FONTE: PEREIRA, A. Gomes (1907). “Tradições Populares e Linguagem de Vila Real”, in *Revista Lusitana*, Vol. 10, p. 211.

⁵⁸ Situa-se igualmente na serra do Marão, na freguesia de Ansiões, concelho de Amarante. O culto à Senhora da Moreira vem referido, nestes termos, nas *Memórias Paroquiais de 1758*: “No dia da ascensão do Senhor, vêm com cruzeis e clamor grande concurso de gente à capela de Santo António, onde se encontra a imagem de Nossa Senhora da Moreira, que antes existia numa capela no alto da serra do Marão, no sítio de Moreira, mas que se acha arruinada e cuja imagem foi transladada para a dita capela.”



217 — DUAS BOFETADAS NUM MORTO

Conta-se em Vila Real que, numa ocasião, numa aldeia próxima andava um sujeito a sachar um campo de milho quando tocaram a sinas na torre da igreja. Tinha morrido alguém. E quando assim era, as pessoas deixavam os trabalhos e regressavam a casa a consolar os familiares.

Ele, porém, continuou o seu trabalho sem ligar, e logo veio alguém admoestá-lo por continuar a trabalhar, quando os sinais que tocavam eram de um seu tio que tinha acabado de falecer.

Ele então larga a ferramenta e desata a correr, desalmado, para a aldeia, cuidando todos que o fazia pelo desespero de saber de um familiar morto. Porém, chegado a casa do falecido, onde este estava inerte numa cama, aguardando o caixão, o sujeito vai sobre ele e prega-lhe duas valentes bofetadas, deixando todos boquiabertos. Soube-se depois que, dessa forma, quis vingar-se do tio por ter morrido sem lhe pagar uma dívida.

[Narração transmitida por um grupo de ex-alunas
de Vila Real]

218 — A HISTÓRIA DE UM DEFUMADOURO

Na minha infância, havia em casa uns comprimidos, que me diziam serem para as dores de cabeça. Julgo que tinham o aspecto de um feijão e, por isso, a minha mãe misturava-os na sopa para derreterem, e dizia-nos que era um feijão.

Ora, numa altura em que eu estava com dores de cabeça, tomei um, sem a minha mãe saber. E como não senti passar o mal, tomei outro e a seguir outro. Resultado: fiquei com uma terrível sonolência que só me dava para dormir. E estive assim uns dois ou três dias.

Até que a minha mãe chamou a casa uma mulher da aldeia com fama de bruxa para que me viesse defumar. A mulher veio então com uma sertã, onde despejou um bocado de chumbo e pôs tudo a derreter no lume. E conforme o chumbo derretia, abanava a sertã

